

MANAUS E A REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO: HUMBERTO MICHILES CONVERSA COM A REVISTA PENSAMENTO EDUCACIONAL

Dr. Fausto dos Santos Amaral Filho¹
Me. Valéria Marcondes Brasil²
José Antônio Correia de Souza³

Quem visita Manaus, e não apenas pela primeira vez, não pode deixar de pensar na diversidade cultural da qual emerge o nosso país. O diverso só pode ser distinguido a partir de algo já acessado indistintamente. O diverso, portanto, não é o exótico, antes pelo contrário. E a capital do Amazonas, portanto, é uma cidade bem brasileira.

Sua população estimada é de 2.020.031 habitantes distribuídos em uma área territorial de 11.401.092, para atender toda esta população em idade educacional conta com escolas urbanas, rurais, ribeirinhas e indígenas.

A Secretaria Municipal de Educação atende a educação infantil, ensino fundamental, educação de jovens e adultos. Segundo dados do IBGE são 168.653 alunos matriculados apenas nas escolas de ensino fundamental.

Em 2013, com a aplicação da avaliação em larga escala da Prova Brasil foi a primeira vez, desde a criação da Prova Brasil e o IDEB, que a capital manauara atingiu suas metas estipuladas como parâmetro qualitativo das escolas para o ensino das séries iniciais 4,6 e para as séries finais 3,4.

Sabe-se que há muito trabalho para ser realizado e um dos maiores desafios é diminuir o índice de reprovação com efetiva qualidade de ensino, que nas séries iniciais perpassam 23% e nos anos finais 13%, sendo estes os índices médios, tem-se clareza do grande desafio que algumas escolas, mais que outras, necessitam de uma grande discussão entre o corpo docente municipal que propiciem tomadas de decisões planejadas a curto e médio prazo,

1 Professor do PPGEd da Universidade Tuiuti do Paraná.

2 Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná.

3 Mestrando em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná.

que sejam assertivas, mas principalmente planejamento de ações de longo prazo.

Outro grande desafio é a distorção idade série entre os anos iniciais, perfazendo 20% e nos anos finais 37% de crianças e jovens que estão fora da idade certa no ano que frequentam, por abandono, reprovação dentre tantas outras coisas que impedem que a escola seja prioridade na vida de tantas famílias.

Diante deste breve panorama, a Revista Pensamento Educacional foi até Manaus para escutar o atual Secretário da Educação, Humberto Michiles, que, gentilmente, nos concedeu a entrevista a seguir:

Pensamento Educacional: Senhor Humberto, o senhor já foi prefeito de Maués, Deputado Estadual do Amazonas por cinco legislaturas, por uma, Deputado Federal, Secretário da Educação e Desporto do Estado do Amazonas, Secretário Extraordinário de Coordenação Político-administrativa do Município de Manaus, Secretário Municipal de Governo e, agora, desde 2013, o sr^o. assumiu a Secretaria Municipal de Educação, a convite do Prefeito Artur Neto. Se eu pudesse defini-lo, assim como me defino como professor, diria que o sr. é um político, e acho que o senhor não discordaria. Um político que, no momento, ocupa o cargo de Secretário da Educação. Minha primeira pergunta, portanto, é esta: Como o senhor compreende a relação entre política e educação?

Humberto Michiles: Primeiro a definição sobre o que eu me considero: eu realmente me considero um político. Eu sou um político, minha carreira toda, minha vida toda, desde os 25 anos de idade, foi traçada como político. E o que eu considero que seja efetivamente o papel do político é tornar possível aquilo que é necessário ser feito. Então, o meu papel político na educação é identificar os problemas da educação e como político tornar viável a implantação e a implementação dessas medidas necessárias à melhoria da qualidade da educação, a busca e o atendimento das metas, fundamentalmente, daquelas auto-estabelecidas.

PE: Como nós sabemos, até porque está no site da Secretaria, quando o sr^o. assume, o faz expressamente com a missão de elevar a qualidade da educação na rede municipal de educação de Manaus. Então, eu gostaria de perguntar, qual seria esse papel de elevar a qualidade da educação, ou, dito de outro modo: o

que estaria precisando, naquele momento, ser elevado na rede de Manaus, que não estava elevado?

Humberto Michiles: Na verdade, um conjunto de coisas, uma somatória de fatores, uma série de ações, de medidas que precisavam ser tomadas, mas, eu diria o seguinte: em relação especificamente a Manaus, em todas as avaliações, inclusive o IDEB, estávamos constantemente em uma péssima situação, a vigésima capital em termos de qualidade. Ficávamos em situação desfavorável em relação até mesmo aos próprios municípios do Amazonas. Quem conhece os municípios do Amazonas sabe a grande distância que existe entre a capital e os municípios do Amazonas. A situação da nossa educação era uma situação, para dizer, no mínimo, vexatória. E aí, vem um fator importante. A decisão política do prefeito de enfrentar o problema, de encarar a situação e dizer o seguinte: *Nós não concordamos com essa situação, Manaus não merece, as nossas crianças não merecem.* A partir daí, o prefeito aborda uma situação que era, sistematicamente, desconhecida ou colocada para debaixo do tapete. Então, primeiramente, deixou a situação às claras para o conhecimento da população. A situação da educação da cidade de Manaus estava, como se diz, na U.T.I. E já que era assim, crítica a situação, não adiantaria nada para tentar resolvê-la, escondê-la do povo, teríamos sim que, admitindo-a francamente, enfrentá-la também francamente. Bom, a partir daí vem a gestão, a partir do posicionamento do prefeito, nós tivemos que enfrentar uma série de questões que são questões de gestão da educação. E quando eu falo gestão da educação é claro que concomitantemente também são questões de políticas educacionais. Mudar o rumo da gestão, mudar o foco das políticas. E fazer política educacional não é obviamente, como alguns parecem pensar, por exemplo, fazer a lotação de uma escola por critério político-partidário, temos, sobretudo, que substituir esse tipo de critério, por um critério verdadeiramente político-educacional. Essa é uma questão, na minha avaliação, central e importantíssima, a partir de uma decisão política, de uma definição política, nós colocarmos na prática que a prioridade é a qualidade da educação.

Muitas vezes, o governante, muitas vezes o secretário, gere a educação com uma ênfase muito mais na política, e aí a política nesse sentido de política eleitoral, de conquista do voto, de obtenção do voto. Isso tem sido muito comum. Era muito comum esse tipo de gestão na educação, na medida em que o governo oferecia farda, livro, mochila, merenda, mas não dava ênfase, não

tinha preocupação com a qualidade da educação, e, portanto, com um projeto realmente político-pedagógico.

Mas digo, que esta busca por um olhar político-pedagógico, diferente do que então era dominante, que mantém uma relação intrínseca com a prática-pedagógica do município, enfrenta lá suas resistências! Nem todos na rede estamos comprometidos da mesma forma com a educação das nossas crianças! Mas com ações firmes, que resultem de fato na melhora gradativa da qualidade da educação em Manaus, vamos, com os resultados, arrefecendo as resistências, com disposição, coragem e força política para fazer este processo de mudança.

PE: Já que o senhor me falou no IDEB, então eu gostaria de fazer uma pergunta sobre o IDEB. Desde a criação sua, em 2005, só agora, em 2013, Manaus conseguiu atingir as metas propostas pelo Governo Federal. A que o senhor atribui isto?

Humberto Michiles: Vou voltar, então, a questão anterior; vou fazer uma referência. O IDEB é um indicador, mas nós temos outros indicadores e que não são nada confortáveis pra nós. Por exemplo, eu não posso precisar o número de anos, mas, há muitos anos que os alunos egressos da educação básica da cidade de Manaus e do estado do Amazonas não são aprovados nos cursos mais disputados na Universidade Federal do Estado do Amazonas. Ou seja, nós estamos retirando a possibilidade dos nossos alunos disputarem os melhores cursos. Nós estamos ceifando os sonhos desses jovens. Por que não estamos oferecendo a eles condições de disputar em igualdade de condições com outros jovens, ou egressos de escolas particulares, ou egressos de outros Estados? E a pergunta que você fez...?

PE: Sobre o IDEB....

Humberto Michiles: A que eu atribuo o fato de que tenhamos conseguido atingir as metas do IDEB? Eu creio que o principal fator foi esse choque provocado pelo prefeito, no início da sua administração, quando lançou o desafio e tornou público aquilo que era, sistematicamente negado à sociedade, que era o conhecimento real e verdadeiro da situação da cidade de Manaus. O prefeito teve a coragem e o mérito de tornar público e dizer: *Eu não aceito esse débito, Manaus não aceita. Manaus não merece, as nossas crianças não merecem.*

E eu mesmo digo: quero estar, Manaus deve estar, no próximo IDEB de 2015, entre as dez primeiras capitais na classificação, ao invés de vigésima capital colocada no IDEB.

Fausto dos Santos: Mas quais foram as medidas concretas para essa superação e para esta projeção?

Humberto Michiles: Eu creio que a partir daí, desse choque provocado pelo prefeito, uma série de ações foram tomadas, por exemplo a melhoria da gestão. Contratamos uma consultoria de gestão que é o Instituto Aquila; a ampliação das escolas no Sistema Positivo também é um fator importante. É bom que se registre que as escolas do Sistema Positivo têm um IDEB mais elevado na média do que as escolas que não têm o Sistema Positivo na nossa rede pública; o acompanhamento, a avaliação bimensal que está sendo feita; Mas creio que o ponto fundamental foi o primeiro: a percepção da rede de que não era possível uma permanência daqueles índices. Isto precisaria ser modificado.

PE: Aqui o senhor toca em um ponto polêmico nos meios acadêmicos educacionais: as parcerias público-privadas. Diante da pluralidade que delimita na contemporaneidade o pensamento acadêmico, há um campo crítico - que acredito, com toda justeza de voz - que faz uma crítica muito acirrada a estas parcerias público-privadas em sua totalidade, como não poderia deixar de ser, ou seja, tanto no seu horizonte político-pedagógico, quanto no seu horizonte prático-pedagógico, indissociavelmente. Como o sr. vê as críticas a tais parcerias do setor público com a iniciativa privada?

Humberto Michiles: Há uma crítica muito grande e eu enfrentei esta crítica quando fui secretário de Educação do Estado do Amazonas. Eu estabeleci uma parceria que não era nos moldes da que nós temos hoje com o Sistema Positivo, hoje é muito mais consistente muito mais avançado. Mas considero essa visão, que só vê negatividade nas parcerias, uma mistura de preconceito de quem não conhece bem a realidade da administração pública e também fruto de quem imagina que nós possamos viver num mundo ideal. Aquela coisa de eu considero que o inimigo do bom é o ótimo. O ideal seria que nós não tivéssemos necessidade de nos valermos de uma parceria, que nós pudéssemos implementar a partir dos recursos do próprio Estado, do próprio Município. Seria muito bom, mas, na prática, no mundo real, o que acontece é que essas parcerias são de grande utilidade, economizamos, ganhamos muito tempo porque, senão, teríamos que demorar muitos anos mais para chegar a atingirmos os objetivos e as metas a que estamos chegando e nos propondo a chegar. Então, achamos justificadas as parcerias público-privadas que temos feito, especialmente as duas, as quais me referi. Estamos

buscando agora, inclusive, expandir o sistema de parcerias, já estamos iniciando uma parceria com o Instituto Ayrton Senna também. São parcerias que têm sido de grande qualidade para todos nós. Têm sido muito úteis e nós pretendemos, inclusive, aprofundar essa parceira e eu queria lhe contar um fato: Quando assumi a Secretaria minha ideia inicial, já que eu não podia, num curto prazo, estender o Sistema Positivo para todas as escolas, eu não via essa parceria com muita simpatia, mas fui ouvir os professores, os diretores das escolas e até mesmo alunos onde estava implantado o Sistema e os depoimentos, os relatos que me fizeram foi o que me fez mudar de idéia e levar o Sistema Aprende Brasil do Positivo para todos os alunos do Fundamental II. E se pudesse, se tivesse condições, ampliaria para todos os alunos da rede, como também, posso lhe dizer que, no início, logo que contratamos o Instituto Águila, houve uma reação, normalmente de pessoas que sequer se deram ao trabalho de ir na Internet e consultar alguma coisa sobre o Instituto Águila. E apenas nesse caso, por preconceito. *Não, o governo não tem que fazer parceria com a iniciativa privada.* E aí ficaram repetindo isso, chegou-se até a fazer algum tipo de protesto, contestando essa parceira. Hoje, a grande maioria, a quase totalidade da rede elogia estas parcerias, tanto a do Instituto Águila quanto a do Sistema Positivo.

PE: Quero passar para outro tema: A Lei Delegada nº 13 de 31 de julho de 2013, que regulamenta a Secretaria da Educação, no seu artigo primeiro, diz que a Secretaria Municipal de Educação integra a administração direta do poder Executivo para o cumprimento das seguintes finalidades; o parágrafo primeiro diz, ao fim ao cabo, que ela deve seguir as demandas da LDB. Mas o que me interessa é o segundo parágrafo, que diz que a Secretaria de Educação deve planejar, coordenar, controlar e executar atividades para promover os recursos necessários, métodos e profissionais a fim de oferecer à sociedade serviços educacionais de elevado padrão de qualidade, adequados às diversas faixas etárias e níveis da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, garantindo a dignidade e a qualidade de vida aos cidadãos do município. Como o senhor vê essa questão? Como a educação pode garantir a dignidade e a qualidade de vida aos cidadãos do município?

Humberto Michiles: Uma questão que para mim, parece central: Manaus é uma cidade de dois milhões de habitantes, com uma periferia bastante grande, bastante expressiva. O jovem, como

todo ser humano, mas especialmente o jovem, precisa ter um sonho, ele precisa ter um horizonte, precisa ter uma perspectiva de vida. Esses jovens hoje, especialmente os jovens da periferia, a muitos deles não é dado esse direito, esta perspectiva de ter um sonho de dizer assim: *Eu vou estudar, eu vou seguir a carreira que eu desejo seguir na vida*. Muitos deles sabem que eles estão numa disputa, numa luta em desigualdade de condições.

Uma questão, para mim de dignidade e, sobretudo, uma questão de justiça: É dever do poder público oferecer uma distribuição justa de oportunidades. Isso hoje, na minha avaliação, ainda está muito longe, muito longe de acontecer. Então, o papel da educação é um papel central, é o papel fundamental. O fosso, este fosso social que existe hoje no Brasil é muito em decorrência do fosso educacional. A questão da qualidade da educação, pra mim é central, é fundamental para oferecer dignidade, para oferecer qualidade de vida para todos os cidadãos. Daí a necessidade de nós investirmos no espaço físico adequado, no espaço físico que ofereça dignidade; daí a necessidade de nós investirmos fortemente na educação infantil, investir nas creches, investirmos na preparação dessas crianças, desses jovens para que quando saiam do sistema municipal possam chegar ao Ensino Médio com uma educação, com uma base bastante razoável. Para que a partir daí possam dar sequência, dar continuidade a esse sonho, porque muitos jovens, mas muitos jovens da nossa periferia não são mantidos na escola, não se sentem atraídos pela escola. Daí para o alcoolismo é meio passo. Para o alcoolismo, para a droga, é um pequeno passo e da droga para a criminalidade já é o atropelo, ele já está no limiar do atropelo. Então é preciso que o poder público ofereça essa possibilidade ou essa obrigação, que a gente tenha consciência dessa obrigação de oferecer o sonho, de oferecer oportunidade dos jovens terem esse sonho. É o que eu tenho procurado, tem sido a direção da minha fala nas escolas com professores, com diretores e com os alunos. Nós temos que enfrentar o desafio de oferecer uma qualidade de educação tão boa quanto as melhores escolas particulares. Eu não vejo por que nós não podemos chegar a esse patamar. Que é um desafio, é um desafio, mas nós temos pessoas competentes, uma decisão política, boas parcerias, a disposição de buscar esse objetivo, nós temos tudo para conseguir. Pode ser até que não estejamos dentro de alguns anos no mesmo patamar das melhores escolas particulares, mas podemos dentro de algum tempo estarmos no

patamar das boas escolas particulares da cidade de Manaus e aí sim, oferecer uma disputa justa entre aqueles egressos das periferias e aqueles que nasceram em uma família com condições de pagar uma escola particular.

PE: Gostaria de voltar lá no começo da nossa entrevista. O sr^o. é um político, não só um político, mas, de uma família de tradição política. O seu avô, José Batista Michiles, o "Donga", com uma tradição política no município de Maués, se não me engano, terceira maior cidade em extensão do Amazonas. O seu pai, Darci Augusto Michiles, também Deputado Estadual, não sei se Federal e sua mãe, Eunice Mafalda Michiles, a primeira Senadora do Brasil, depois da Princesa Isabel. O sr^o. me contava ontem uma bela história a respeito dos seus pais, uma história ligada à educação do Estado do Amazonas e, portanto, do Brasil. Peça que nos faça a narrativa.

Humberto Michiles: Talvez essa história que eu vou procurar relatar tenha sido o fato mais marcante da minha vida. Bom, irei procurar contextualizar rapidamente. Meu avô, Donga Michiles era uma pessoa muito trabalhadora, um homem muito forte que começou como comerciante, aquele tipo de comerciante que costumavam chamar de *regatão*. Aquele comerciante que levava os produtos industrializados da cidade e trocava por produtos naturais. Ele iniciou a vida assim: como regatão, com uma canoa, na faixa, não era com motor. Mas foi evoluindo e comprou um terreno e iniciou uma pequena fazenda. Teve a visão de contratar, naquela época, uma professora normalista para dar aula na fazenda. Professora normalista, naquela época, era algo extremamente difícil, então contratou. O meu avô era um homem que tinha apenas o terceiro ano primário, contratou a professora, a normalista e mandou os filhos, inclusive o meu pai, para estudar num colégio interno em São Paulo, na época era o Instituto Adventista Brasileiro, Instituto Adventista de Ensino, Colégio Adventista Brasileiro - C.A.B. E ele converteu-se protestante, adventista, portanto o primeiro adventista do norte do Brasil e mandou os filhos estudarem num colégio em São Paulo.

Em São Paulo, nesse colégio, conheceu a minha mãe, que vinha a ser a filha do chefe da lavanderia do colégio. Viúva de um pastor. Depois que o pastor morreu pregando no Nordeste, morreu de tifo, arranjaram emprego para minha avó, mãe da minha mãe, num colégio adventista. Conheceu minha mãe, dizem e sem sombra de dúvida, era uma das moças mais bonitas do colégio e o meu

pai deve ter contado uma história mais bonita ainda para ela, porque casou e levou minha mãe pra morar na fazenda de meu avô, ali há umas três horas de barco da cidade de Maués. Estamos falando de 1950, entre 1949 e 1950. Minha mãe, professora, meu pai envereda pela política, disputa o primeiro mandato de Deputado Estadual. O projeto deles era a implantação de escolas na zona rural de Maués. Imagina isso na década de 1950, quando, primeiro, não se dava importância à educação. Depois eu conto uma historinha rápida pra exemplificar isso. E, segundo, não tinha telefone, não tinha avião, não tinha luz elétrica, enfim, toda uma série de dificuldades. E aí, inicia o processo de implantação dessas escolas com a seguinte filosofia: onde houver vinte crianças, a cada duas horas de canoa, uma hora para um lado, uma para o outro, onde houvesse vinte crianças tinha que ter uma escola. Era essa a filosofia do meu pai, da minha mãe e do meu avô, que era o prefeito do município e eles passavam quatro meses por ano visitando escola a escola, porto a porto, um dia em cada escola. Uma coisa que nós comentávamos e que foi marcante pra mim: chegar naquelas comunidades distantes, ver os alunos, quase a totalidade de pé no chão, não tinha farda, o professor, muitas vezes sem o segundo ano primário, terceiro ano primário, mas a importância que eles davam à educação, alunos perfilados, cantando o Hino Nacional, todos com a melhor roupa possível, limpinha. A escola de terra de chão batido, coberta de palha, não tinha carteira, as carteiras eram feitas de uma palmeira, tanto para sentar, quanto para escrever, retiravam aquelas tábuas de palmeira, aquelas ripas de palmeira e ali se improvisava o assento. Não havia merenda, havia apenas um leite que era fruto de um programa "Aliança para o Progresso", com um órgão dos Estados Unidos. Mas, enfim, a minha mãe quando chegava fazia a avaliação, era o IDEB da época, fazia a avaliação. Os cadernos, cortados de papel almaço dobrado, eram distribuídos. Assim, com aquilo que se tinha à disposição e muita vontade de trabalhar, foi plantada essa semente da educação no município de Maués. A partir dessa vontade e dessa preocupação da minha mãe, eles implantaram esse trabalho extremamente meritório. E eu lembro que muitas vezes a gente ouvia os pais das crianças dizerem assim: *Não, meu filho vai pra escola só pra desemburrar, depois ele precisa ir pra roça me ajudar*. O que era desemburrar na época? Era aprender a assinar o nome para ser eleitor, saber um pouquinho de conta para não ser enganado no troco e ali já estava

desemburrado. Enfim, foi esse o grande fator relativo à educação que mais marcou a minha vida, realmente uma marca muito grande, porque eu acompanhei meu pai e minha mãe durante várias dessas viagens. Para mim, aquilo era uma grande aventura, que ao contrário do que talvez se possa imaginar, essas viagens não eram apenas pelos rios caudalosos do município. Entrávamos em igarapés, em lagos, com a presença de mosquitos, assim, em grande, em imensa quantidade, muitas vezes encontrando cobras, malária, enfim, uma série de dificuldades. Não se pode dizer que era assim, em um barco confortável. Era realmente, um misto de trabalho político, mas eu diria até assim, com uma motivação cristã e missionária muito grande.

Inclusive, foi numa dessas viagens que entrei em contato pela primeira vez com uma tribo indígena, dos *sateré maués*, eu tinha entre seis e sete anos de idade e meus pais foram lá para implantar uma escola, nenhuma conotação de escola religiosa, uma escola laica, mas ali foi uma experiência muito marcante, pois foi o meu primeiro contato com os índios. E eu diria assim, com o ser humano em seu estado mais puro, por que àquela época havia ainda muito pouco contato com os brancos e os índios transbordavam de alegria, de felicidade. Estava iniciando ali o processo deles aprenderem a jogar futebol. Nós fomos jogar futebol e eles corriam rindo o tempo todo, era correndo e rindo, assim, uma alegria transbordante, que infelizmente hoje, você não encontra mais os índios nessa felicidade, porque chegaram outros interesses e com eles a cachaça, porque, enfim, já é uma situação diferente.

Mas foi assim, foi muito marcante na minha vida ter acompanhado a determinação dos meus pais em favor, principalmente, da educação. Sofri influências da minha mãe e do meu pai, de ter visto o esforço deles, que eles dedicaram a educação. Então, isso tem um peso pra mim no sentido de que eu tenho a oportunidade de ocupar um cargo como o de secretário de educação, que eu considero, depois de governador, depois de prefeito, pra mim é o cargo mais importante. Eu tenho que corresponder, tenho que dar conta desse recado. Eu não posso admitir não trabalhar de uma forma muito firme, muito comprometida, muito responsável e, sobretudo, com muita dedicação e seriedade. Não deixar passar essa oportunidade de dar a minha contribuição. (meu pai já e falecido, minha mãe, ainda viva...) É de dar a minha contribuição ao trabalho que eu vi eles fazerem com muita luta, com muito

sacrifício, com muito esforço e com muita dedicação.

PE: Senhor Secretário, a Revista Pensamento Educacional depois disso não tem mais nenhuma pergunta a fazer para o senhor, agradece muito a sua entrevista. Muito obrigado, o senhor é um homem muito generoso. Agradecemos a sua entrevista. Manaus, dia 02 de novembro de 2014. Muito obrigado.

Humberto Michiles: Professor, muito obrigado, eu é que agradeço a grande oportunidade, obrigado mesmo e grande abraço.

Aprovado em julho de 2014
Publicado em setembro de 2014